

4^o

**congresso
do
algarve**

1986

19-23 fev.

vol. 1



AS PRIMÍCIAS JORNALÍSTICAS DE MESTREAQUILINO RIBEIRO NA VILA DE OLHÃO

JOSÉ CARLOS VILHENA MESQUITA

RESUMO

Numa altura em que jubilosamente se comemora o 12 Centenário do Nascimento do grande mestre da literatura contemporânea, Aquilino Ribeiro, justo será lembrar que foi em Olhão que, o então jovem seminarista, se estreou no mundo do jornalismo. Por incrível que pareça, tal facto tem sido esquecido pelos seus biógrafos, para além de que a maioria dos algarvios desconhecem este importante evento da nossa cultura regional.

Esta comunicação tem por objectivo a recuperação do primeiro texto que Mestre Aquilino Ribeiro deu à estampa, o qual será integralmente transcrito. Julgamos que é a primeira vez que o mesmo vem a público após 83 anos de obscuro repouso nas modestas colunas de "O Cruzeiro do Sul", semanário olhanense de efémera memória.

Poucos saberão certamente que o escritor Aquilino Gomes Ribeiro fez as suas primícias de publicista emérito no Algarve, mais precisamente na vila de Olhão, tendo escolhido para palco da sua estreia jornalística o modesto semanário "O Cruzeiro do Sul", fundado e dirigido por José Marques Corpas Centeno, dedicado secretário da edilidade local e notável jornalista.

Trata-se de um pormenor biográfico, frequentemente descurado, que à primeira vista poderá parecer irrelevante mas que, no fundo, assume particular interesse para o roteiro literário e estilístico do autor de Malhadinhas, cujo 12 centenário do seu nascimento se comemora no presente ano. Por outro lado, constitui um elemento de insofismável orgulho para a História da Imprensa Algarvia, que de forma alguma se poderá desdenhar, sob pena de incorrerem num verdadeiro atentado à memória daquele que muito justamente se considera como o maior romancista português do século XX.

A data da sua primeira incursão jornalística tinha, Aquilino Ribeiro, apenas 18 anos e era um dos mais argutos e acrisolados minorense do Seminário Episcopal de Beja. Cursava Teologia, mas o seu afeado espírito de livre pensador não se caldeava com a dogmática disciplina da Igreja. No seminal viveiro pontificava uma frugal abstinência, que a todos trazia escorreitos no físico mas ana-

fados na sageza, contrastando com uma certa liberdade de costumes que por ali graçava na classe presbítera. Ao que parece, o sagrado celibatismo eclesiástico, em terras do Alentejo, era corroída amarra de que os leigos brandamente se alheavam (1). Só que para um visigótico beirão como Aquilino Ribeiro nada passava despercebido à sua acerada censura. Mortificado pela frugal dieta, a que se vira compelido (2), e nada vocacionado para a vida sacerdotal, depressa se fizera notar o seu descontentamento. Dirigia o seminário o Bispo da diocese, D. António Xavier de Sousa Monteiro, mas era o seu vice-reitor, Padre José Maria Ança, quem exercia verdadeiramente essa autoridade. Era homem culto, inteligente e polido, muito estimado pelos seus dotes de brilhante orador, e vagamente inspirado para o culto das musas (3). Porém, era seu irmão, Manuel Ança, quem superintendia na população escolar, que domesticava com um autoritarismo quase militar, ao mesmo tempo que geria a administração do Seminário. Mas, quem não tragava os manos Anças era o jovem Aquilino, que, pouco a pouco, se apercebera do obscuro e vantajoso negócio que para eles constituía a regência daquele eclesiástico viveiro (4). Em face dessas e de muitas outras circunstâncias, as incompatibilidades sucediam-se e a irreverência do futuro escritor acabaria por ditar a sua expulsão.

Merece, contudo, especial destaque o facto de ter sido a sua primacial investida jornalística um dos busilis do seu banimento. Na verdade, a descoberta de tão profano comportamento atraiu a inveja dum colega, que para se vingar de certas desavenças e conquistar a simpatia dos superiores, o denunciou ao vice-reitor. O conseqüente castigo, que Aquilino recusara cumprir, originou a sua exclusão do rebanho. Por causa dum pueril conto, de bucólica trama literária, anulava-se um aspirante ao sacerdócio, o que, olhando para o futuro, só pode ter sido por "sentença divina". Anos mais tarde a justiça veio à luz e os manos Anças acabaram, também eles, por serem expulsos do Seminário de Beja (5).

"O Cruzeiro do Sul" — razão de uma escolha

Porque razão teria Aquilino Ribeiro escolhido o humilde semanário olhanense, "O Cruzeiro do Sul", para tablado da sua primeira semente literária ?

Porque razão teria aparecido em público embuçado no enigmático pseudónimo de Bias Agro ? (6)

Revelaria o seu escrito os merecimentos estilísticos, aquela facúndia lexicológica e frásica, que o haveriam de distinguir entre os mais prolixos escritores da língua de Camões ?

Entre muitas outras, foram estas as questões que mais espicaçaram a nossa curiosidade e para as quais tentamos obter uma explicação plausível e racional. Faltou-nos, porém, a disponibilidade necessária para poder descer até ao cerne de todas as interrogações e, por outro lado, escasseia-nos o espaço para sobre todas elas poder discernir com meticolosa acuidade.

Quando Aquilino Ribeiro frequentava o Seminário Episcopal de Beja, encetou relações de sólida amizade com João Machado Gonçalves que viria a ordenar-se presbítero e a exercer aquele múnus na vigararia de Faro (7). Foi ele,

segundo consta (8), quem induziu o Aquilino a mandar o seu primeiro vagido literário para "O Cruzeiro do Sul", e nada nos inibe de supôr que, em face do mesmo estar acobertado por um pseudónimo, tenha sido ele a dar o aval de idoneidade ao seu director, José Marques Corpas Centeno, ao tempo recém promovido a secretário da Câmara, que em Olhão todos conheciam e muito estimavam. E a prova está no facto de João Machado Gonçalves ser um dos colaboradores assíduos do próprio jornal, curiosamente ao lado do Padre José Maria Ançã, que para as mesmas colunas destinava alguns dos seus desenhados poemas. Como se verifica, tudo isto não aconteceu por mero acaso, mas antes pela intenção inequívoca de ajudar a manter e até a melhorar a qualidade literária daquele simples e despretencioso semanário.

Convém acrescentar que "O Cruzeiro do Sul", fundado em 22 de Janeiro de 1903, foi o quarto jornal a vir à luz da estampa na vila de Olhão, que por sinal era o segundo a ser editado por José Marques Corpas Centeno, pois que em 5 de Março de 1892 publicara já um semanário intitulado "O Olhanense", tendo ambos em comum a particularidade de durarem a vida das "rosas de Malherbe". Não obstante, teve "O Cruzeiro do Sul", o mérito de poder ser considerado como "um dos melhores jornais que em todos os tempos se publicaram em Olhão e mesmo talvez um dos melhores de todo o Algarve" (9). Tinha, este periódico, por complemento de título a indicação de ser um "semanário, litterario, noticioso e charadístico". embora o seu carácter político-literário fosse predominante, o que facilmente se comprova através do magnífico naipe de colaboradores, de entre os quais destacamos os nomes de Lourenço do Ó (que usava o pseudónimo de João Capuz), António Pessoa, Bernardo de Passos, Dr. Cândido Guerreiro, Dr. Carlos Fuzeta, Carlos de Pádua, Dr. João Lúcio, Dr. José Ribeiro Castanho, Luiz Sepúlveda Mascarenhas (fundador de "O Algarve", actual decano da imprensa algarvia), Marcos Algarve (pseudónimo de Francisco Marques da Luz), Maria Velda, Dr. Rodrigues Davim, Jaime Quirino Chaves, Rodrigo Valente, P. José Maria Ançã e João Machado Gonçalves, ambos "companheiros" de Aquilino Ribeiro no Seminário Episcopal de Beja. Mas, já que estamos em maré de pormenores, podemos ainda acrescentar, a título de curiosidade, que "O Cruzeiro do Sul" tinha a sua redacção e oficinas gráficas na Rua de Santo António nº 45-47, em Olhão, publicava-se às quintas-feiras, custava por assinatura anual 1300 réis e tinha como proprietário, director e editor José Marques Corpas Centeno. Assumia-se, porém, como um semanário partidariamente isento e imparcial, desafecto ao tempestuoso radicalismo dos republicanos e afastado da insulsa hipocrisia conservadora. Era dos outros, daqueles que amam a paz e a tolerância sem, contudo, abdicarem da honra e do bom senso. Por isso no seu artigo de apresentação abria com este tão sugestivo quanto elucidativo parágrafo:

"Ainda uma vez mais, leitor amavel, terás de abrir generosamente e galhardamente a tua porta, para este novo conviva que pede a tua delicada attenção e um curto logar na roda dos teus periodicos, porque, entre as tendas vermelhas dos que te fallam de generosas utopias revolucionarias e as tendas negras dos que te tartamudeam pacatas caturricas conservadoras, deseja elle assentar modestamente a sua tenda branca de campanha" (10).

Também é assaz curioso notar que o jornal propunha manter-se alheio aos escândalos políticos, frequentemente perpetrados pelos comissários régios ou pelos assanhados e corruptos deputados, que, apreguando a defesa do povo, visavam apenas os seus interesses pessoais:

"Para que te tranquillises, elle começa, porém, por te assegurar que a sua bocca nunca incommodará os teus ouvidos delatando-te os martellados escandalos dos commissarios regios, nem o verás puxar-te desabridamente, para te bradar, desgrenhado, com a voz rouca e turva de ódio, que certo deputado ou certo conselheiro acaba de pôr soffregamente o seu talher n'aquella tragica coisa que a rethorica nacional chama a mesa do Orçamento." (11)

Um Pseudónimo por Obrigação ou Humildade?

Conforme afirmamos anteriormente, foi o padre João Machado Gonçalves quem trouxe para o "Cruzeiro do Sul" a primeira peça literária de Aquilino Ribeiro, porém, em face de nele igualmente colaborar o padre José Maria Ançã, vice-reitor do Seminário Episcopal de Beja, pareceu-lhe mais sensato e prudente esconder a autenticidade do seu produtor, evitando-se, deste modo, possíveis represálias ou sanções que dali pudessem advir. Importa lembrar que aos seminaristas estavam vedadas quaisquer veleidades litérarias, que não passassem primeiramente pelo crivo censorador do Reverendíssimo Reitor.

O pseudónimo adoptado foi o de Bias Agro, e confesso que a sua relação com o autor me tem deixado vivamente intrigado. É certo que a maioria das onomatoposias não passam de embustes sem qualquer sentido lógico ou de correlação autoral, porém há que reconhecer nestes domínios a predominância não só da ficção como, essencialmente, da criptografia, prática milenar, frequentemente usada contra a rapace censorina, ou em certas academias particulares e nos clubes maçónicos. Por isso acreditamos que este Bias Agro tenha para Aquilino Ribeiro um significado muito especial. Analisando mais de perto a sua composição, verificamos que não se trata de um anagrama baseado no nome do autor, mas antes de dois vocábulos onomásticos com acepções bastante diferenciadas. Assim, o nome Bias poderá corresponder ao do célebre filósofo de Priena, considerado como um dos sete sábios da Grécia, cuja reputação de jurista lhe granjeara a admiração do povo helénico. A ele se ficaram devendo várias máximas de profundo alcance filosófico, como, por exemplo: "O saber é a única propriedade que não pode perder-se", ou, ainda, "A maior riqueza é não desejar nada".

Pretenderia Aquilino Ribeiro equiparar-se a este filósofo quando architectou o seu pseudónimo ?

Falta, contudo, perceber o significado de Agro, cuja polivalência semântica nos deixa francamente indecisos. Na verdade, como adjectivo pode significar: áspero, azedo, escabroso, etc.; como substantivo pode traduzir: azedume, amargo, sabor ácido, desgosto, etc; mas quando derivar do étimo latino agru pode significar: campo, terra lavrada, renda agrícola, etc... Vemos assim que coexistem várias acepções para o termo agro, quase todas elas difíceis de adaptar

ao pseudónimo usado por Aquilino Ribeiro. Por isso, supomos que as hipóteses anteriores não tenham razão de ser. Pessoalmente, ~~considerando a~~ ^{considerando a} ~~origem beirão~~ origem beirão do escritor, admitimos que Bias seja uma corruptela do termo vias, que significa caminhos, estradas, etc, podendo, deste modo, associar-se a agro que significa fragoso, áspero, etc. Neste contexto, o pseudónimo do jovem seminarista, desenraizado e inconvicto, traduz, provavelmente, os caminhos fragosos e amargos que marcavam o trilho da sua juventude. Será isto? Sinceramente não o posso jurar.

"A VOLTA do BRASILEIRO" - Um tema velho para um autor novo.

Quanto ao merecimento literário do seu primeiro conto haveria, certamente, muito para dizer, se a tanto nos valesse o génio crítico, que temos consciência de não possuir. Apesar disso, tomamos a liberdade de tecer algumas considerações, formais e apriorísticas, aguardando para mais tarde o confronto das análises criteriosas e profundas dos verdadeiros especialistas na matéria.

Com o título "A Volta do Brasileiro", ~~pronunciou~~ ^{pronunciou} Aquilino Ribeiro o seu primeiro grito literário no semanário olhanense "O Cruzeiro do Sul", iniciado no nº 18 de 21 de Maio de 1903 e concluído no número seguinte. Trata-se de uma história da emigração, semelhante a muitas outras que por esse tempo se contavam, denunciando alguma inspiração camilianista, provavelmente involuntária. A figura sociológica do brasileiro de torna-viagem, magistralmente delineada e satirizada por Eça de Queiroz, assume neste conto um certo entrosamento romântico, traduzível na fragilidade económica do chefe de família que abala para a América (mais vulgarmente para o Brasil), perde o contacto com os seus e é dado por "esquecido", supostamente morto, mas que um dia volta para os braços da mulher e filhos carregando um baú de libras, disposto a vingar-se das privações de outrora e a fazer-se um respeitável proprietário, que a política de feição poderia transformar em honorável Barão.

Verifica-se, porém, que a inexperiencia do futuro escritor não lhe permitiu traçar um quadro sociológico mais perfeito e mais aproveitável, do ponto de vista político, limitando-se a enveredar pelos valores morais e religiosos do povo, ingénua, benevolente e crédulo. A intriga literária revela-se, contudo, pouco criativa, urdindo-se num desfecho previsível e bastante peculiar no espírito das nossas gentes: o regresso do salvador. Há sempre alguém que nos redime e salva, seja ele um emissário divino ou um Sebastião qualquer, no fundo um misto das duas coisas. Esta parece ser a grande lição a retirar da história.

Nas, vejamos, em resumo, como se estrutura a sua trama literária.

A acção focaliza-se no lar, com particular incidência em Rosa, filha do emigrante e amparo da mãe. Localiza-se, algures, na bacia hidrográfica do rio Paiva, imediações de Soutosa no concelho de Moimenta da Beira - situação geográfica que, de algum modo, se identifica com o autor (12). O espaço temporal decorre unicamente durante o dia de Páscoa, em Abril de um ano indistinto, certamente de fim de século. A delimitação é do tipo narrativa fechada, visto que a acção é solucionada com o retorno do emigrante e o casamento de Rosa. As personagens são

apenas quatro: o emigrante, a esposa, a filha Rosa e o seu amado João. A sua concepção e formulação são ligeiramente modeladas, com especial destaque para a Rosa, que é dotada de certa densidade psicológica. Os protagonistas da acção concentram-se nas figuras do pai e da filha, sob presença testemunhal e onisciente do narrador. A sequência narrativa da acção é do tipo encadeada, seguindo um processo de desenvolvimento linear, levemente alterado pelos pensamentos românticos de Rosa e, apenas, com um encaixe de carácter etnográfico, que o autor explicita em nota-de-rodapé. O processo de caracterização dos personagens é do tipo directo, constatável através do retrato e opiniões valorativas do narrador. Os modos de expressão literária na caracterização da acção, ambiente e personagens, processa-se entre a narração, descrição, diálogo, reflexão e efusão lírica. A linguagem revela alguma riqueza vocabular e um certo regionalismo frásico — característica que, Aquilino Ribeiro, sempre manteve com incomparável maestria ao longo da sua numerosa e multifacetada obra literária. O enredo é simples, moralista e religioso, podendo resumir-se do seguinte modo: na casa do emigrante havia um ano que chegara a notícia da sua morte; a filha ao recordar o pai evoca a figura do seu apaixonado que partira para cumprir o serviço militar; entretanto ouvem-se foguetes acompanhados de música e cânticos populares, era o pai que regressava depois de ter escapado ao naufrágio que o dera como desaparecido; vem rico e de passagem livra da tropa o namorado da filha, cujo casamento fica logo assente, consumando-se, assim, o sonho de Rosa.

Verifica-se, portanto, que a história é banal e modesta, própria de um estreante. Seja como for, ela marca o início de uma fulgurante carreira literária e naturalmente assinala um dos dias mais felizes na vida de Aquilino Ribeiro. Aliás, é ele mesmo quem o afirma em carta dirigida ao bibliófilo olhanense Abílio Gouveia, que, anos mais tarde, dela publicou um extrato na imprensa local: "Hoje, 60 anos decorridos, pergunto-me intrigado que estado de espírito era o meu para cometer tão chocha e melada insignificância. Supunhamos que me caíu naquela hora a envide puerperal. Em verdade fui eu que provoquei o "Cruzeiro do Sul" a publicar a minha gracinha como um pescador de cana, amador, lança o anzol aos peixinhos. Pegou, e esse dia para mim foi uma deslumbrada aurora de manhã ao sol pôr." (13)

Apesar do natural descontentamento do consagrado romancista, a vila de Olhão sente-se profundamente orgulhosa por ter dado guarida às primícias literárias de um escritor como Aquilino Ribeiro. E de tal maneira assim é que em 1970 o então presidente da edilidade, sr. Alfredo Timóteo Ferro Galvão, promoveu uma sessão de homenagem à memória do insigne romancista, durante a qual se descerrou uma lápide toponímica numa das artérias do burgo.

Posto isto, só nos resta, para terminar, proceder à transcrição do primeiro conto de Aquilino Ribeiro, dado à estampa há cerca de 83 anos e até hoje esquecido nas morticças colunas do efêmero semanário olhanense "O Cruzeiro do Sul". No fundo é este o principal e quase único interesse desta comunicação.

A VOLTA DO BRASILEIRO

N'aquelle dia a Rosinha chorara tanto! e era logo n'um dia de primavera e amores, dia de Paschoa, em que a natureza veste suas galas, o céu deixa ver o azul sem fim, e o passerêdo chilreia doadamente nos galhos das arvores!? Se fazia um anno que do Brasil viera a fatidica carta tarjada de negro a annunciar a morte do pae, do pae que fôra para longe ganhar o dote da noiva do pae a filha, já então uma mocetona forte como um castello e linda como os amores. Não pensava porém sô n'isto a Rosinha! O João, o seu escolhido, um esbulto e airoso rapaz deixara-a, partira para soldado e então que despedida! Beijara-a, sobreplicitamente, pois era lá possível que offerecesse o seu rosto, ella que cortava ao minimo attentado ao pudor, que zombava de seus apaixonados, que em troca de olhares cupidos e fogosos offerecia o seu olhar rigido e impassivel!

E a lembrança d'aquelle beijo escaldava-lhe as faces, fazia-a estremecer de prazer, ao mesmo tempo que lhe incutia n'alma o recado, de que o João, que depois d'aquelle ouadida, deixara entupido, attonito, mas contrito, sem uma palavra, um adeus, a esquecesse por outr' d'essas terras granadas: das cidades.

E a recriminar-se, murmurava: "Se ha tantas raparigas e tão lindas, mas que tola que eu fui em despedir assim o rapaz que tanto me queria! e que importava um beijo! era lá algum mal! era agora bem feito que me esquecesse." E passando do rancor para o sentimentalismo continuava "oh mas se me deixasse, matava-me, destacava-me a um pouco, e tudo estava acabado. E alongava-se em considerações, como seria a sua morte, se devia escrever ao perjurio, accusando-lhe a perfidia, os repiques funereos, o seu funeral, emfim, tudo isto lhe affluia forte a imaginação esquentada, fazendo-lhe vibrar a escala sentimentalista. Foi assim que passou o dia de Paschoa, dia que traz á alma tão gratas recordações dos devaneios e illusões infantis.

sossobrou andei tres dias e tres noites á mercê das ondas, perdi a cabeça, até que appareci longe n'uma ilha não sei como, não os percebia. Agora aqui me tem e rico, traço dinheiro, muito dinheiro ganho honradamente.

- Oh! louvado Deus, acclamam levantando as mãos ao ceo.
- Bem pena tenho de não ter visto o nosso Abade tirar o follar, devia chegar hontem, porém um caso de força maior me reteve, caso que contarei, mas primeiro digam-me ambas tão muito felizes?
- Muito, respondem as duas.
- E agradecidas a Deus?
- Sim, agradecidas.
- De modo que abraçavam o maior inimigo que ahí lhe apparecesse fosse elle quem fosse?
- Fosse elle quem fosse.
- Pois bem, Rosa, se trouxesse aqui a tua pés quem te despeitou, perdovava-lhe?
- Perdovava, accedea Rosa.
- Em vista d'isto, exclamou elle sobrelevando o sussurro geral, oh! João, vem cá!

E no fundo azul da porta destacou-se a figura altiva e bella do moço soldado.

Rosa ruborizou-se, mal contendo o jubilo.

- Aqui te apresento o noivo, rapariga, que ainda hontem livrete de militar, e que causou a demora. Estima-o que é bem digno de ti, e agora ordeno que se abraçem e beijem.

E no meio do jubilo dos noivos o concerto aldeão começou a executar uma melodia festiva, realisando-se assim o sonho de Rosa.

Bejs, 18

BIAS AGRO

(1) - No norte, principalmente na Beira Alta, quando algum filho da terra, se annuncia pelo estralejar de alguns foguetes, vindo de longe, tem a recepção na taberna ao som de toques e danças e assim acompanhado segue para casa da familia.

Chegou a noite, formosa noite de abril, e fadada para sonhos e paixões. Brilha com todo o esplendor a lua diamantina, e myriades de estrelas matizam os páramos d'ani, como lantejoulas em vestidos de neve. E' na parte exterior da casita, no horto onde avultam aqui e ali laranjeiras e outras arvores de fructo, que as duas mulheres estão a murmurar ás estrelas as queixas do seu coração macerado. Mãe a bichnar preces, passando pelos dedos as contos do seu rosario a competirem em alvura com seus cabelos, filha n'um enlevo d'alma a acariciar novas chimeras ao brando e longinquo som da guitarra que a viração nocturna lhe bafeja nos ouvidos, acariciando-lhos como contos de magica. E a guitarra a gemer demoradamente, como supplicas de namorados, e o pensamento a voar para o seu João, para uma casita que mandaria edificar sobre o Paiva, mais além de Soutosa, para onde levaria a mãe, o pae se fosse vivo, se fosse rica com as mouras encantadas da noite de S. João. E a lua no seu eterno fado, na sua correria asria, ora mergulhava para logo imergir pallida e altiva no seio das nuvens. Passam-se horas, e do povoado vem rumores, sons vagos da voz que cantam e instrumentos que tocam, e agora destacadamente o entrelajar de muitos foguetes, cujos echos se vão perder nas concavidades dos vales. E as duas mulheres, unidas ainda mais pelo amplexo da desventura, em presença da magestade da noite, da festa universal, mais e mais se entranham no amago da dôr e tristeza, como ebrios que procurem nas fezes o remedio para a sede que os devora. E sempre o ruido do logarejo que canta e ri, a soar-lhe como escarneo malevolo, e casquinadas de feros contentamego contra os desamparados da sorte. Accusadas fogem para a casita, por cuja fresta irrompe um facho de luz a lutar com a claridade da noite; um murmurio dolente (preces a Deus pelo pae e marido mortos) corte o silencio do quintalejo, as vozes extinguem-se e com ellas a luz da candeia e tudo recaba na nudez primitiva. As commoções do dia tendo-lhe prostrado a alma, posturas-lhe as braves o corpo, por isso já, somolentas, mal distinguia um murmurio longinquo que, approximando-se convertera n'um concerto aldeão de que a instrumental indispensavel são: uma ferrinhos, uma

viola ou guitarra, um harmonias, não olvidando o tradicional zabumba. Os instrumentos podem crescer, se faltar porem algum d'estes, perde o tique meritorio que o povoou lhe dá. (1) Passando em frente do horto, aquella *strophonia* era para a apaixonada de João, que começava de sonhar a festa do seu hymno. Fortes argoledas retumbam no silencio da casita, as mulheres accordam estremunhadas, julgando ser ludibrio d'algum pesadelo.

- Ahram! brada alguém.
- Andará fogo em casa Rosa, lamuria a mãe saltando afflicta da cama.
- Não sei, responde não menos pavidá a filha, mas eu vejo tanta gente!

E as duas precipitam-se seminus para a porta e abrem-na.

Ao abrir da porta corresponde uma melodia do concerto aldeão, enquanto na sua frente alguém exclama: Não me esperavam?!!!

Ao metal d'aquelle voz, que lhes recordava alguém querido, recuam, saltando um pequeno grito, julgando mais uma vez sonharem.

- Pois não me reconhecem? torna elle, não sei! eu o Thomé Reis, esposo da Joanna e pae de Rosa?

- Deus seja louvado, que me trouxe o meu home a porto de salvação quando já o julgava morto! exclama a pobre Joanna lançando-se-lhe nos braços e chorando copiosamente.

- Até que enfim! murmura elle, e tu rapariga como vae?
- Sempre bem, meu pae, responde ella beijando-lhe as mãos.
- Mas, perguntam ambas ao mesmo tempo, disseram-nos que tinha morrido?

- Se aqui me vêdes é porque não morri, mas o que lá vae lá vae, com aguas passadas não moem moinhas.

- Pois sim, mas queriamos ...
- Querem saber como fui, pronunciou com ar grave, accendendo aos tocadores a que se calassem, e porque artes aqui appareço, é bem simples, o navio em que voltava mettendo aqui, que nam cesto,

